

A Peste Suína nos faxinais de Irati-Pr no final da década de 1940

Regiane Maneira (UNICENTRO/Irati)¹

O Sistema Faxinal é, regra geral, dividido em terras de plantar e em terras de criar. As terras de plantar são destinadas para o cultivo de produtos agrícolas como o feijão, milho, arroz, entre outros. Já as terras de criar são delimitadas por uma cerca, construída coletivamente pelos moradores, que impede que os animais como bovinos, equinos, caprinos e, principalmente, os suínos tenham acesso às lavouras.

A agricultura faxinalense tradicional baseia-se na produção de gêneros alimentícios como arroz, feijão, milho, batata, mandioca entre outros, que são destinados ao consumo das famílias e também para a venda do excedente. Há também a criação extensiva de animais, especialmente porcos, que “[...] pode ser considerada como parte da cultura faxinalense, praticada pelos caboclos e, depois, adotada pelos imigrantes europeus, principalmente, por poloneses e ucranianos.” (CAMPIGOTO; SOCHODOLAK, 2009)

Levando-se em consideração a importância que a criação de porcos possuía para os moradores dos faxinais, não somente no âmbito prático (tratava-se de um dos principais alimentos dos moradores), mas também em relação ao aspecto cultural, esse artigo busca discutir a ocorrência da peste suína nas localidades de faxinais, mais especificamente em Rio do Couro e Faxinal do Rio do Couro, situadas na zona rural do município de Irati-Pr, tentando perceber como essas comunidades reagiram a mortandade dos suínos.

Antes de abordarmos a questão da peste suína nos faxinais, faz-se necessário uma discussão sobre como era a criação de porcos nesse período nessas comunidades e qual sua importância para os faxinalenses. Esses questionamentos nos auxiliarão a compreender nas narrativas faxinalenses, a forma como estes interpretam e significam a ocorrência da peste.

A criação de porcos na década de 1940 era uma atividade bastante comum

¹ Mestranda em História – Universidade Estadual do Centro-Oeste/Campus Irati.

no Faxinal do Rio do Couro, Rio do Couro e Faxinal dos Mellos, conforme podemos observar na narrativa de Alvindo Leme, morador do Faxinal do Rio do Couro.

Naquele tempo nós criávamos bastante porcos, o faxinal era grande tinha bastante porcos. Também nós tínhamos vaca e outras criações. Porco de vez em quando nós vendíamos algum, não era seguido era só para o gasto, os porcos se criavam bastante nós tínhamos 3 criadeiras, 4 criadeiras, era 18, 16, 18, todo o ano, vendia algum, não valia a pena engordar era muito baratinho o porco. (LEME, 2011)

Na fala do senhor Alvindo fica claro que a criação dos porcos era uma atividade comum dentro do Faxinal do Rio Couro, predominando sobre a criação de bovinos. Na sua interpretação, os 18 porcos que nasciam todo ano já era uma criação farta, uma vez que esses animais eram destinados somente ao consumo das próprias famílias faxinalenses e não para a venda. Com o preço baixo, a venda dos suínos era uma prática que ocorria esporadicamente no Faxinal do Rio do Couro, até mesmo porque esse número de porcos que nasciam anualmente não era tão significativo do ponto de vista comercial.

Com essa produção “farta”, a carne suína era o alimento mais frequente no dia-a-dia dos faxinalenses, conforme nos relata Magdalena Berger, moradora do Rio do Couro:

... era só de porco aquele tempo, carne de gado era custoso não sei porque pois todo mundo tinha vacas, a carne de gado era as vezes para o natal que nós comprávamos uns quilos e daí era muito caro e carne de porco nós tínhamos direto. O gado a gente criava, mas eu não sei porque quase não matavam... (BERGER, 2011)

No relato de Berger, podemos perceber que a carne suína era um alimento bastante comum na mesa dos faxinalenses. A carne de gado, apesar de também fazer parte das criações dos faxinalenses, era consumida somente em datas especiais, como no natal, por exemplo. O “preço alto” da carne bovina também dificultava a aquisição pelos faxinalenses.

Em outra narrativa, de Clara Specht, moradora do Rio do Couro, podemos observar como não somente a carne dos porcos era consumida no dia-a-dia, mas também seus derivados:

Nos domingos tinha um frango na panela, os dias de semana era um toucinho, um torresmo, quando carneava um porco as vezes fazia lingüiça, só que quando era bastante gente poucos dias se acabava, era fumaceado ou colocado na lata de banha para aturar mais, só que quando tinha bastante gente não aturava muito. Nos dia de semana tinha arroz, mandioca, batata-doce, batatinha que sempre era plantado bastante e

feijão...(SPECHT, 2011)

A carne de frango, ao contrário da suína, era um prato diferente, especial, que era servido na casa de dona Clara somente aos domingos. Já os derivados suínos, como o toucinho e o torresmo, estavam presentes nos dias de trabalho, no dia-a-dia faxinalense. Isso mostra a importância que a criação de porcos tinha no faxinal. Segundo Arnaldo Monteiro Bach ter uma criação de porcos sempre foi sinônimo de alimentação farta, “Era o mesmo que ter um açougue e um armazém dentro de casa. Dos porcos vinha a banha, a lingüiça, o toucinho, o chouriço, o torresmo, a carne e demais derivados [...]”. (BACH, 2009, p. 32)

Contudo, explicar que essa prática alimentar faxinalense se deve somente ao fato de que a criação de suínos no faxinal era “farta” é algo que não dá conta da complexidade que esta prática envolve. De acordo com Luce Giard,

Toda prática alimentar depende em linha direta de uma rede de pulsões (de atração e de repulsa) quanto aos odores, cores e formas, também quanto aos tipos de consistência; esta geografia é tão fortemente culturalizada quanto as representações da saúde e da boa educação à mesa e, conseqüentemente, é também historicizada. No final dessas exclusões e dessas escolhas, o alimento escolhido, permitido e preferido é o lugar de empilhamento silencioso de toda uma estratificação de ordens e contra-ordens que dependem ao mesmo tempo de uma etno-história, de uma biologia, de uma climatologia e de uma economia regional, de uma invenção cultural e de uma experiência pessoal. (GIARD, 2008, p.251-252)

Todos esses elementos apontados por Giard, como o clima, a economia e a cultura, influenciam na prática alimentar de cada grupo. No caso dos faxinalenses, não devemos levar em consideração só o fator da facilidade de se criar os porcos, mas também e principalmente, a questão cultural, as “maneiras de fazer” dos faxinalenses. O fato de a carne suína estar na base da alimentação desses sujeitos, pode estar relacionado à forma como os faxinalenses se apropriaram da criação dos porcos. Afinal, por que a criação é voltada para a subsistência e não para fins econômicos? Os faxinalenses, com suas “mil maneiras de fazer” (CERTEAU, 2007) podem ter constituído uma prática que se (re)apropriou da criação de porcos de uma forma diferente, não pensando em fins econômicos, somente. Isso porque o consumo, seja ele de bens materiais ou não materiais, ocorre não de maneira passiva, mas de maneira inventiva, ou seja, há apropriações e ressignificações. (CERTEAU, 2007)

As técnicas usadas para conservar a carne revelam essa criatividade, as “maneiras de fazer” desses sujeitos, sua capacidade de invenção. Vejamos a narrativa de Madaglena Berger:

...a carne quando nós matávamos porco era ponhado na lata coberto com banha e deixava o toucinho, as costelas nós fumaceava, bastante toucinho fumaceado, fazia banha mas a maior parte sempre deixava aquele toucinho, aquele tempo era muito melhor que agora, hoje em dia você põe essa carne na geladeira e com poucos dias ela tem gosto ruim e na lata não, você deixava coberto de banha e aturava toda a vida, você só chegava da roça ou em casa, ponha umas conchadas e ponhava no fogão só esquentava e dava para comer, estava pronto.(BERGER, 2011)

Na fala de Berger podemos perceber essas “maneiras de fazer”, a forma inventiva desses sujeitos consumirem. Defumar, transformar em torresmo, fazer a linguiça, colocar a carne em latas de banha, fazia com que os faxinalenses conservassem esses alimentos por mais tempo. Havia também a praticidade no preparo desses alimentos depois de conservados. As mulheres, não tinham como atividade o trabalho doméstico somente, mas também o trabalho na lavoura, conforme nos relatou Berger. Assim, quando chegavam da roça, obviamente cansadas de um dia de trabalho, era necessário somente esquentar a carne que estava imersa à banha nas latas e “já dava para comer, estava pronto”. (BERGER, 2011)

Podemos observar então, que esse cotidiano faxinalense estava construído não de maneira passiva, mas inventiva, onde também se estabeleciam conveniências. Essas relações de conveniência podem ser observadas quando os faxinalenses se reuniam para o abate dos porcos. A carne que derivava do animal abatido era distribuída aos vizinhos, estes por sua vez, quando matavam um porco também dividiam a carne com quem lhes havia doado o alimento:

Ah, assim como nós ganhávamos, nós tínhamos uns vizinhos muito bons lá no mato, eles cada vez que matavam traziam um pedaço para nós e nós fazíamos também assim. A mãe da falecida Viturina, que é a mãe da Tereza, tinha a velhinha Gertrudes que era a mãe dela, tinha uns pares deles, o Adolfo Machado morava ali também, cada vez que matavam eles levavam um pedaço para nós e nós também levávamos para ele, nós tínhamos uma vizinhança muito boa ali, nunca, nunca deu briga, encrenca, nada. (BERGER, 2011)

Não havia uma regra escrita que indicasse qual pedaço de carne deveria ser dado, “Era uma espécie de código de postura e comportamento, código não escrito nem ditado por ninguém, mas que existia e era cumprido à risca pelos faxinalenses.” (SOARES; SOCHODOLAK, 2008)

A conveniência seria uma espécie de contrato, uma “coerção”, que obriga cada indivíduo ou cada “usuário” para que a vida coletiva seja possível para todos. Funda uma ordem de equivalência, em que aquilo que se dá é proporcional ao que se recebe. (MAYOL, 2008) Distribuir a carne do animal abatido aos vizinhos fazia parte desse código não escrito, em que o benefício de seguir esse contrato era muito mais simbólico do que material.

Esse contrato social era seguido por todos os faxinalenses, inclusive por aquelas pessoas mais pobres da comunidade e que não possuíam terras. Quando Berger fala dos “vizinhos muito bons lá no mato” é destas pessoas que ela se refere. Para Berger, “antigamente os pobres Deus o livre, porque você chegava na casa deles, tinha os Siría, o Mané Júlio, você entrava dentro da casa deles tinha metade do porco por cima da fumaça, eles tinham carne direto e hoje em dia o pobre não vê carne.” Aqui podemos perceber que mesmo sem possuir terras, esses indivíduos possuíam a carne suína em fartura e também a utilizavam como alimentos no dia-a-dia.

O fato de até mesmo quem não possuía terras ter uma criação de porcos pode ser explicado pela própria organização do criadouro comunitário no faxinal, que permitia que essas pessoas criassem os animais em terras nas quais não fossem proprietários. Porém, o fato de não possuírem terras não fazia com que estes indivíduos deixassem de fazer parte desse “código de posturas” que existia dentro da faxinal.

A peste suína: narrativas institucionais e faxinalenses

A partir das narrativas dos faxinalenses sobre a criação de porcos no faxinal, pudemos perceber a importância que os suínos exerciam no faxinal, tanto no âmbito prático — forma de subsistência dos faxinalenses — como no âmbito cultural. Como pensar o faxinal com sua criação de porcos dizimada pela peste

suína? Qual o impacto que causou para os faxinalenses?

No final década de 1940, os criadores de porcos, principalmente os faxinalenses, enfrentaram diversos problemas devido à peste suína. Contudo, não sabemos exatamente em que ano a peste começou a se manifestar nos faxinais. Isso porque, os faxinalenses sempre tomam como ponto de referência a infestação de gafanhotos, que teria ocorrido anos antes da peste: “Depois que os gafanhotos vieram daí deu a peste suína” (LEME, 2011)

Acreditamos que o surto da peste tenha ocorrido entre os anos de 1947-1948 nos faxinais, pois em alguns documentos institucionais a peste suína é mencionada a partir de 1948, quando a prefeitura de Irati, emite uma nota para o jornal “Correio do Sul” se referindo a compra de vacina contra a peste: “A prefeitura municipal desta cidade acaba de adquirir 4.800 doses de vacina contra a peste suína, estando as mesmas à disposição dos interessados ao preço de Cr.\$ 1, 00 por dose...” (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, 19 DE MARÇO DE 1948) Uma hipótese é que a peste tenha se manifestado em 1947, pois em março de 1948 a prefeitura já havia adquirido as doses da vacina.

A peste resultou em sérios prejuízos para aqueles que tinham nessa atividade sua principal fonte de subsistência.

A peste quando chegou foi um desastre porque matava os porcos e eles se amontoavam todos um em cima do outro, quando via estavam mortos, foi uns par de dias assim, eu não sei como é que foi aquilo que deu, aquela peste, que todo mundo ficou pensando, tem muitos que ficaram sem porco, os mais pobres que tinham menos, agora os nossos não sei como que sobrou aqueles 7, nós pensamos que íamos ficar sem nada, a gente tinha dó de matar uma leitoa porque estava bonita ia esperar engordar mais, bem no fim. (BERGER, 2011)

A peste é interpretada por Berger como um desastre dentro do faxinal, pois dizimou a criação de porcos de muitos moradores. Porém, nem todos os suínos foram contaminados, ou se foram, conseguiram resistir, conforme nos relatou. No depoimento de Berger, podemos observar que os faxinalenses ficaram inquietos com o surto da peste, uma vez que não sabiam de onde vinha, como ocorria a contaminação e a forma como podiam combatê-la.

Nas entrevistas que realizamos, surgem algumas explicações para a ocorrência da peste suína. Vejamos o que nos relatou Clara Specht, “... eu não sei se essa peste não veio do Pinhão, porque esses italianos traziam porcos de lá, eles traziam para engordar aqui, daí traziam quirera e batatinha e cozinhavam, daí

engordavam aqueles porcos e vendiam.” (SPECHT, 2011) Para Clara Specht a peste teria vindo do município de Pinhão-Pr. Isso porque, na localidade de Rio do Couro, que é a comunidade que Specht se refere, além dos suínos, haviam algumas famílias italianas que compravam porcos em outros lugares, como no município de Pinhão – PR, para engordarem em espaços cercados chamados “mangueirões”, onde os porcos recebiam a alimentação oferecida pelo proprietário até o ponto de abate, momento em que ocorria a venda dos mesmos.

No decorrer da entrevista, Clara Specht também aponta para uma infestação de gafanhotos como uma possível causa da peste: “Alguns diziam que é por causa que os porcos comeram aqueles bichos, aqueles gafanhotos.” (SPECHT,2011) Essa explicação também recorre no depoimento de Alvindo Leme: “A peste foi dos gafanhotos, que eles comiam os gafanhotos e dali 2 anos deu a peste, mas era proveniente dos gafanhotos, era dos gafanhotos senão não dava aquela peste.” (LEME, 2011) A infestação de gafanhotos a que se referem Specht e Leme, teria ocorrido alguns anos antes da ocorrência da peste, causando prejuízos na lavoura para os faxinalenses, uma vez que os insetos se alimentavam das plantações.

Sabe Deus que prejuízos, foram prejuízos muito grandes, eles acabaram com a lavoura, ninguém colheu mantimento aquele ano, foi o ano da maior crise, não tinha o que vender, não tinha o que comer, vinha mantimentos de fora mandados pelo governo, o governo também mandou sementeira para começar de novo a lavoura. (LEME, 2011)

Para Specht e Leme quando ocorreu a infestação de gafanhotos os porcos consumiram os insetos e, em decorrência disso, anos depois aconteceu a peste suína.

Outra explicação para a ocorrência da peste é dada por Berger: “...eles dizem que vem com o vento, que vem pelo ar...” (BERGER, 2011) Na concepção da depoente a peste existia em determinado lugar e com o vento ou através do ar se disseminava para outros lugares.

As explicações que encontramos nas narrativas faxinalenses para a peste suína são as mais variadas, desde a contaminação pelos porcos trazidos do município do Pinhão até uma infestação de gafanhotos. A interpretação da peste como proveniente do contato com os porcos trazidos de outro município ou pela

contaminação pelo ar/vento, pode estar relacionado a apropriação que esses moradores fizeram de discursos que circulavam no faxinal em relação a outras pestes, não necessariamente dos porcos, e que as explicavam pelo contato entre animais sadios e contaminados. A apropriação dos discursos por esses “consumidores” não acontece de maneira passiva, mas inventiva, assim, esses discursos podem ter sido resignificados e reapropriados pelos faxinalenses. (CERTEAU, 2007)

Depois que a peste suína começou a infectar e conseqüentemente a matar os porcos os faxinalense foram proibidos de abatê-los para o consumo: “foi proibido de matar porco por causa da peste, estava os vírus da peste nos porcos ainda.” (LEME, 2011) Porém, como esta pesquisa se encontra em andamento, ainda não sabemos quem proibiu os faxinalense de consumir esses animais. Talvez tenha sido a prefeitura, mas é apenas uma hipótese.

Mesmo proibidos de abater os porcos para o consumo muitos faxinalenses acabavam fazendo o contrário: “...mas algum matava e comia os porcos pesteados, algum porco gordo já afetado pela peste matava para comer... mas isso era difícil, o caboclo ter um porco gordo para matar, não tinha mantimento para engordar o porco.” (LEME, 2011) Através da fala do depoente, pode-se entender que muitos faxinalenses deixaram de consumir a carne dos porcos, devido não possuírem um “porco gordo” que era o ideal para o abate, pois não havia alimento para fornecer aos animais. A peste não era um impedimento para o abate dos porcos e sim a escassez dos suínos em ponto ideal de abate.

O fato de muitos faxinalenses mesmo sabendo da proibição, continuarem a abaterem os porcos para o consumo, pode ser interpretado enquanto táticas de resistência frente a um conhecimento imposto. São “gestos hábeis”, “arte do fraco” contra uma ordem estabelecida pelo “forte”, uma antidisciplina. (CERTEAU, 2007) A estratégia de proibir os faxinalenses de consumirem a carne e derivados suínos, estabelecia regras que ignoravam a temporalidade desses indivíduos. Afinal, como de uma hora para outra os faxinalenses foram proibidos de consumir o principal alimento de suas refeições do dia-a-dia? Frente a essa estratégia, a essa disciplina, estabeleceu-se uma antidisciplina, ou seja, uma tática que vampirizou e se

reapropriou dessa estratégia. Ou seja, os faxinalenses continuaram consumindo a carne dos porcos.

As estratégias também podem ser observadas no combate à peste suína por parte da prefeitura de Irati. Vejamos um ofício enviado pelo prefeito de Irati, José Galicióli, ao inspetor do distrito de Guamirim:

A-fim-de que seja combatido o alastramento da peste suína nesse Distrito, serve o presente para autoriza-lo:

- a)– a contratar uma pessoa, que trabalhará sob suas ordens, para, em local conveniente, abrir valas nas quais os proprietários serão obrigados a depositar os seus porcos mortos pela peste suína;
- b)– a percorre todos os quarteirões do Distrito, avisando os proprietários de porcos mortos da obrigação que têm de enterrar esses animais ao enves de deixa-los nos proprios pastos ou os atirarem aos rios.

Cumpre cientificar a todos os proprietários que o não cumprimento destas determinações torna-os-á passíveis das mais severas punições. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, 21 DE OUTUBRO DE 1948)

A estratégia é também um domínio dos lugares pela vista. (CERTEAU, 2007) Neste ofício ao solicitar a contratação de uma pessoa para trabalhar na abertura de valas para os proprietários de porcos depositarem os animais mortos pela peste e também a instrução de como proceder com esses animais, revela a tentativa de um domínio, de um controle das práticas desses indivíduos por parte da instituição.

Outra estratégia da prefeitura de Irati para o combate à peste foi a vacinação, como mostra um telegrama enviado pela prefeitura para o Rio de Janeiro solicitando ao Instituto Vital Brazil, quarenta vidros da vacina “Cristal Violeta”. “Solicito vossencia obséquio remeter para prefeitura municipal de Irati vg Estado do Paraná vg quarenta vidros de cem centímetros cúbicos vg de vacina Cristal Violeta vg contra peste suína pt Grato urgentes providências vg apresento saudações pt.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, AGOSTO DE 1948)

Em nota enviada ao jornal “Correio do Sul” de Irati, a prefeitura já havia adquirido 4.800 doses desta vacina e ainda contava com um funcionário apto para a aplicação destas gratuitamente. No entanto, o transporte do funcionário era de

responsabilidade de quem necessitasse de seu serviço.

A prefeitura municipal desta cidade acaba de adquirir 4.800 doses de vacina contra a peste suína, estando as mesmas à disposição dos interessados ao preço de Cr.\$ 1, 00 por dose. Conta ainda a Edilidade com um funcionário apto para a aplicação das vacinas, que atenderá gratuitamente, mediante condução, aos serviços especializados que fôrem solicitados pelos munícipes. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, 19 DE MARÇO DE 1948)

Através desses documentos institucionais, ou melhor, desses discursos institucionais, podemos perceber como se buscava controlar, vigiar, observar, disciplinar as práticas dos criadores de porcos no município quando ocorreu a peste. O que indica a utilização de estratégias. Mas como os faxinalenses reagiram? Como combateram a peste?

No documento institucional citado acima, consta que havia um funcionário apto a aplicar as vacinas gratuitamente. Na narrativa de Alvindo Leme, morador do Faxinal do Rio do Couro, esse funcionário não foi solicitado: “Tinha gente já que aplicava, era o responsável, aqui esse responsável era o Ambrósio, só que ele não ganhava nada, saía para fazer as aplicações e não ganhava.” (LEME, 2011) Ambrósio era um morador da própria comunidade que ajudava os demais na aplicação da vacina, sem cobrar pelo serviço prestado. Com isso, os faxinalenses não necessitavam da ajuda do funcionário da prefeitura.

Os faxinalenses não eram obrigados a vacinar seus porcos e mesmo assim vacinavam: “Não era obrigado, mas cada um vacinava porque queria acudir não queria perder, mas não era obrigado, vacinava para ver se combatia a peste” (SPECHT, 2011) Pode-se dizer que os faxinalenses se utilizavam das vacinas não devido a instrução da prefeitura, mas sim como uma tática para evitar que seus porcos morressem pela peste.

Porém, a vacinação dos porcos não era garantia de que estes não seriam infectados ou mesmo não morreriam com a peste. “...morria até os porcos vacinados , e era cara a vacina, não era barata.” (LEME, 2011) Mesmo sendo vacinados muitos porcos acabavam morrendo, causando além do prejuízo de perder um animais, o dinheiro que havia sido investido na compra da vacina.

Seu depoimento encontra ressonância no panfleto do “Instituto Vital Brazil:

laboratório de produtos químicos e biológicos S/A”, localizado em Niterói-RJ, que trata sobre a vacina “Cristal Violeta”, a qual foi adquirida pelo município de Irati para combater a peste suína, que diz o seguinte:

Esta vacina é exclusivamente preventiva e só deve ser aplicada em porcos saudáveis e ainda não foram contaminados pelo Vírus da peste suína. A imunidade conferida pela vacina só se estabelece 3 semanas após a vacinação. Durante esse período, os porcos vacinados estão sujeitos a contraírem a doença, caso haja contaminação. (INSTITUTO VITAL BRAZIL: LABORATÓRIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E BIOLÓGICOS S/A, SEM DATA)

Talvez, muitos dos porcos vacinados acabavam morrendo, como relata seu Alvinho, por já estarem contaminados pela peste suína, ou então, acabavam se contaminando durante as 3 semanas após a vacinação.

Considerações finais:

Neste trabalho pudemos analisar como era a criação de porcos no faxinal e a forma como os faxinalenses percebiam essa criação. Além de ser parte importante na subsistência desses indivíduos, a criação de porcos fazia parte da cultura faxinalense. Pudemos também analisar, partindo dos conceitos de tática e estratégia utilizados por Michel de Certeau, como a instituição e os faxinalenses perceberam e enfrentaram a peste suína ocorrida no final da década de 1940 em Irati-Pr.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, W. B. Alfredo; SOUZA, Roberto M. de (Orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

BACH, Arnaldo Monteiro. **Porcadores**. Ponta Grossa: Pallotti, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHANG, M. Y. **Faxinais**: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. Boletim nº 22. IAPAR. Londrina, PR 1988

GIARD, Luce. O prato do dia. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAYOL, Pierre. A conveniência. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, Luis Cesar; SOCHODOLAK, Hélio. **Elementos da cultura faxinalense em Inácio Martins**. UNICENTRO: PIBIC, 2008 (Relatório).

SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçom Os faxinais da região das araucárias. In: MOTTA, Márcia Menendes; OLINTO, Beatriz Anselmo e OLIVEIRA, Oseias. (orgs) **História Agrária**: propriedade e conflito. Guarapuava: Unicentro, 2009.

Fontes:

Fontes escritas:

INSTITUTO VITAL BRAZIL: LABORATÓRIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E BIOLÓGICOS S/A. **Panfleto**. Niterói-RJ, sem data. março de 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Notas**. Correio do Sul. Irati, 19 de 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Ofício**. Inspetor do Distrito de Guamirim. Irati, 21 out. 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Telegrama**. Enviado ao Instituto Vital Brazil. Irati, 26 de agosto de 1948.

Fontes orais:

LEME, Alvindo. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 05/02/2011.

SPECHT, Clara. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 20/01/2011.

BERGER, Magdalena R. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 27/02/2011.